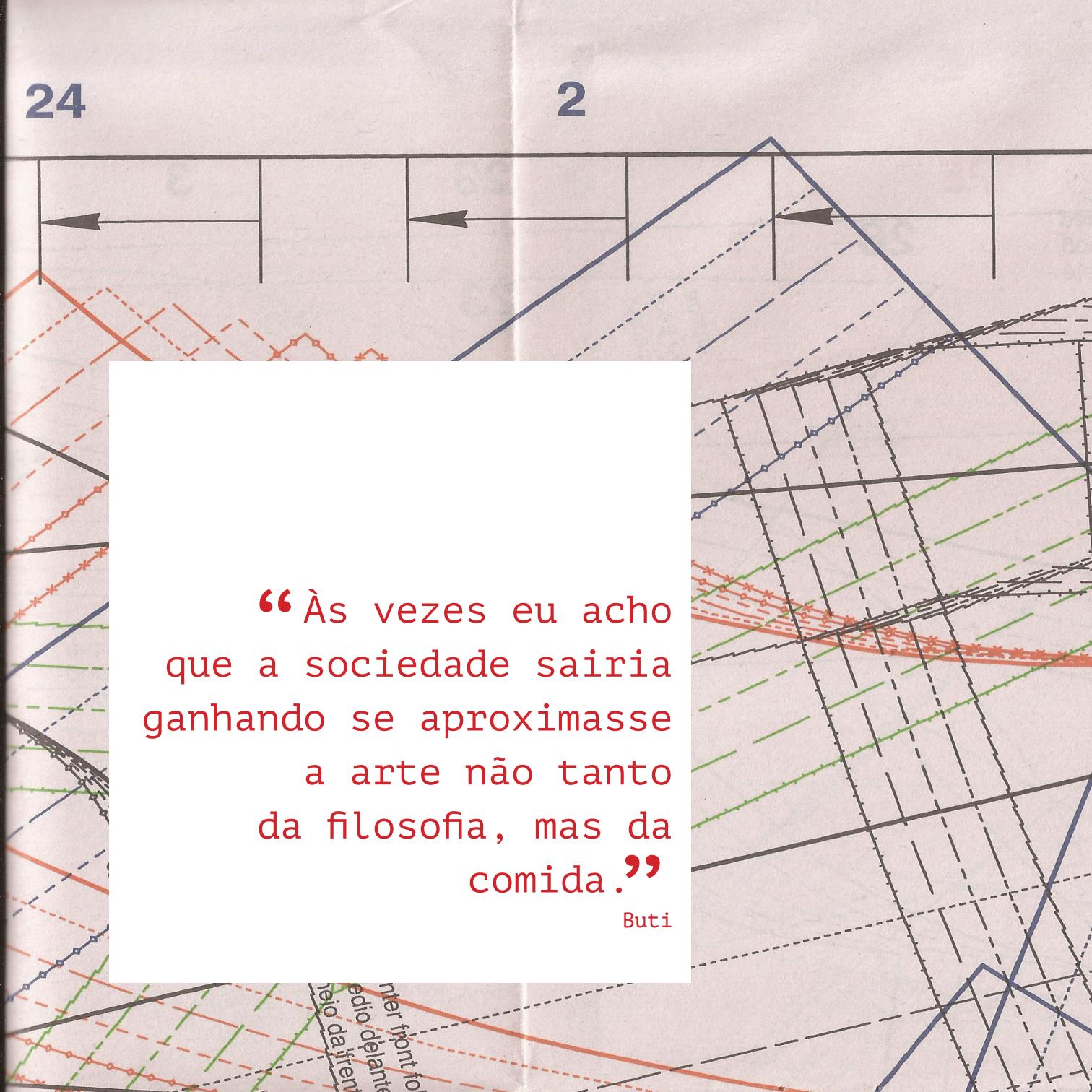


Um certo lugar/sentimentos.



“Às vezes eu acho
que a sociedade sairia
ganhando se aproximasse
a arte não tanto
da filosofia, mas da
comida.”

Buti

4

4

6.

Karina Machado Brum

Um certo lugar/sentimentos.

**Arquitetura e paisagem em mapas que se constrói, que me
constrói, em construção...**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Habilitação: Artes Gráficas

Orientador: Prof.: Vlad Eugen Poenaru

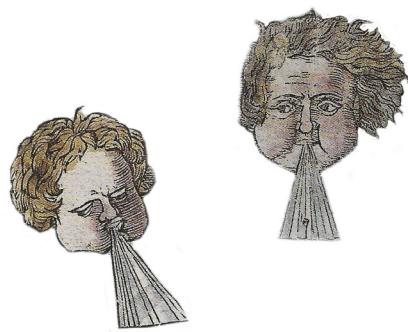
Belo Horizonte

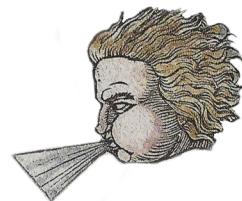
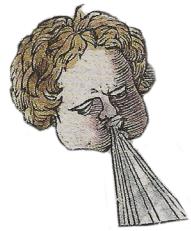
Escola de Belas Artes/UFMG

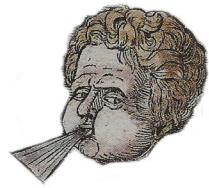
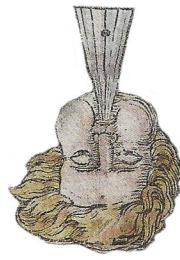
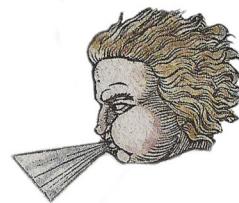
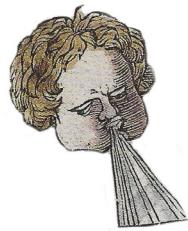
2018

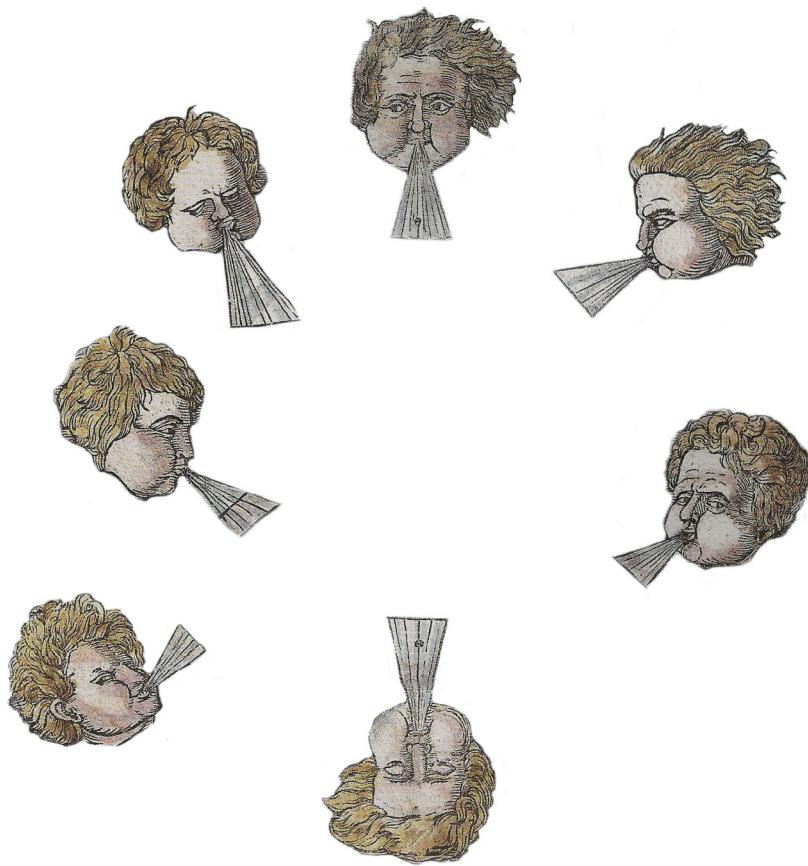


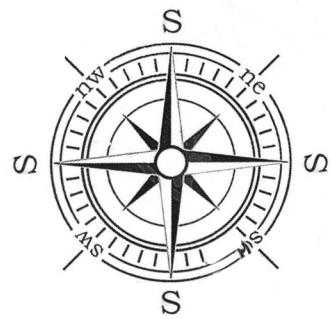












brisa18 pampero22 minuano98 furacão104



brisa



Conhecido também como Viração, é uma circulação de ar leve e fresca que se sente na beira mar, uma aragem, aquele vento agradável. Ou, na definição de Millôr Fernandes: “*o vento que vem do mar é o armário*”.

Além disso, é geralmente classificado de acordo com a intensidade, direção e região de atuação. No entanto, alguns desses ventos estão utilizados aqui para setorizar algumas etapas da leitura, somados com a tentativa de esclarecimento do trajeto desse trabalho/vida.

Por sua vez, a brisa anuncia de forma leve a introdução a uma nova sensação, de coisas que estão por vir, mas ainda indefinidas. Aliás, “*ar em movimento*”, como é conhecido popularmente, auxilia no rumo das navegações, indica caminhos. Dos quais, pode variar o tempo todo. Bem como o percurso durante a graduação, ou talvez nas minhas escolhas cotidianas.

Os manuais de instrução são livretos que contêm imagens ou ilustrações, geralmente organizados em passo a passo para auxiliar o entendimento de operação de um objeto ou equipamento.

Ao contrário dos manuais, esta publicação não tem a intenção de direcionar seu uso, mas organizar em tópicos explicativos a produção feita nessa trajetória. A imagens, aqui utilizadas, são trabalhos que se encaixam como

ilustrações para o texto, esses entre outras coisas
descrevem minhas indefinições.

Ao longo do texto, no momento em que surgir uma
marcação de asterisco como ao lado [*], examine
ou considere ler a lateral da página. Esses trechos na
transversal foram escritos por outros autores que não eu,
por sua vez eles cruzam ou atravessam este.

Em alguns momentos pode parecer confuso, sem linearidade
ou lógica, tal qual o processo criativo se faz, que necessita
da liberdade de movimentos, assim como os ventos.

Antes de começar, gostaria de esclarecer que se trata
de um conjunto de combinações de coisas minhas (ou
do meu ponto de vista) em constante mudança, do qual
não tento situar nada. Espero que a movimentação dos
acontecimentos continue assim, nunca se mantendo igual.

* “[...] processo de elaboração desta cartografia sentimental: como
toda cartografia, ela foi se fazendo ao mesmo tempo que certos
afetos foram sendo revisitados (ou visitados pela primeira vez) e
que um território foi se compondo para eles.” (ROLNIK, 2006, p. 29)

(*voce*)
està

Aquê

3

pampero

Rajada forte de ar que se origina na Argentina mas atinge o Uruguai e o Rio Grande do Sul, se move para direção norte. Sua passagem vem carregada de geada e frio que congela o pampa no inverno, e ainda acompanhado de temporais.

Este vento se forma em uma região de fronteiras mas possui características únicas que, ao se mover para o norte, desnorteia, bem como descreve Torres García “**nosso norte é o sul**”

Estamos em Belo Horizonte capital do estado de Minas Gerais no sudoeste brasileiro, mais precisamente na latitude 19° 55' 14" sul, e longitude 43° 56' 16" oeste. Cidade que ocupa a posição 7 no número de lugares em que residi, e no caso a atual. O número 7 é considerado místico ou sagrado, e se repete em várias situações: representa a perfeição, Manifesto das Sete Artes, sete pecados capitais, sétimo céu, entre tantas outras relações.

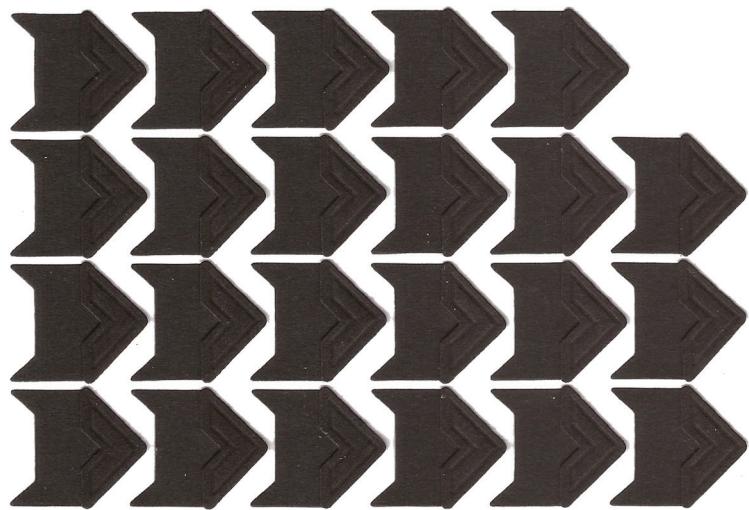


“ De uma cidade não aproveitamos suas sete ou setenta maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas. ”

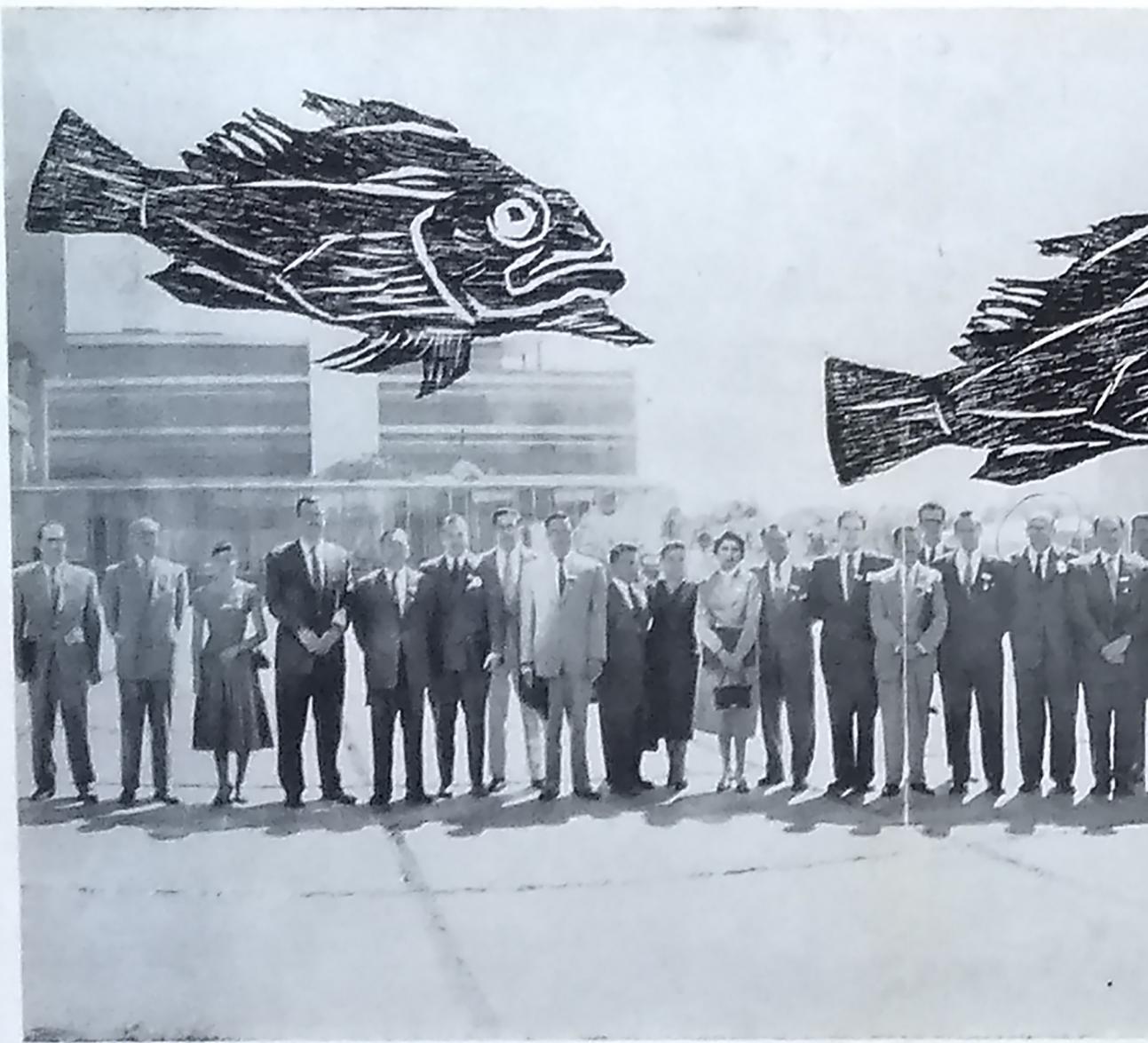
Italo Calvino



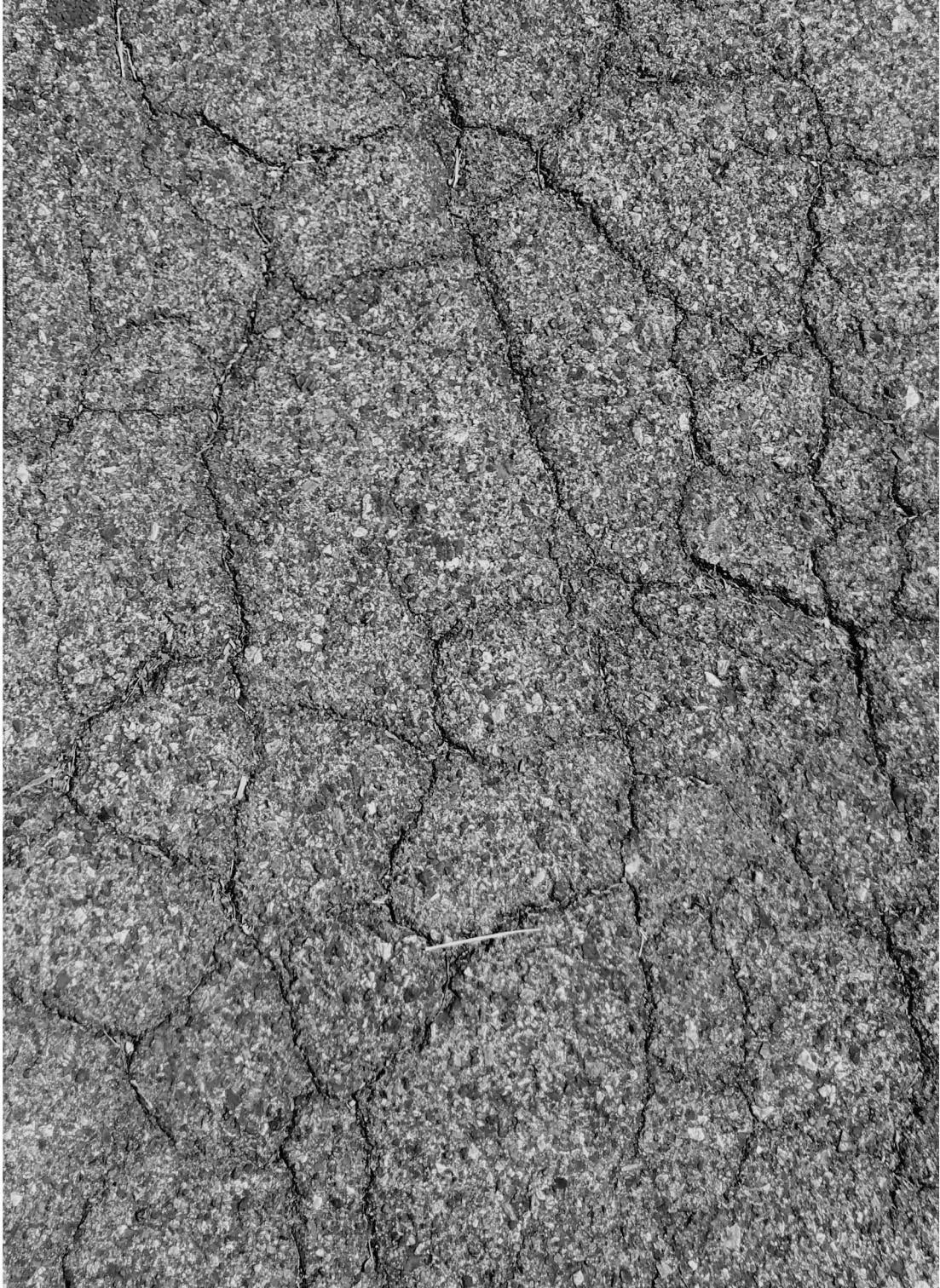












* “Paradoxo do não-lugar: o estrangeiro perdido num país que não conhece (o estrangeiro “de passagem”) só consegue se encontrar no anonimato das autoestradas, dos postos de gasolina [...]” (AUGÉ, 2003, p. 98).

Migrar é ato de mobilidade espacial de uma população. População se entende como um grupo de indivíduos de uma espécie, da qual se enquadram os animais. Destes animais, as aves, assim como os peixes, costumam se deslocar por longas distâncias de forma voluntária em busca de alimento, reprodução e condições climáticas, mas influenciadas também pelo fator endógeno. [*]

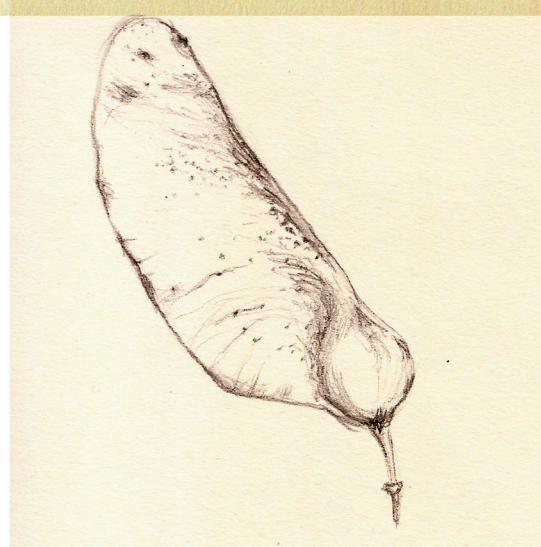
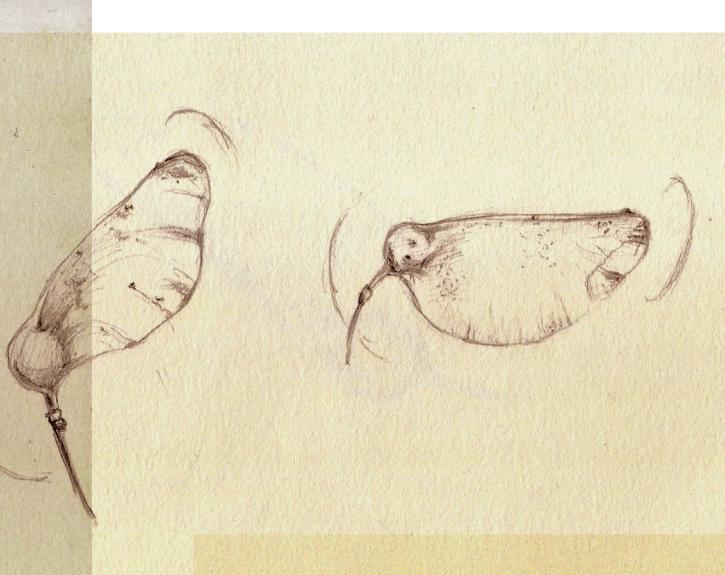
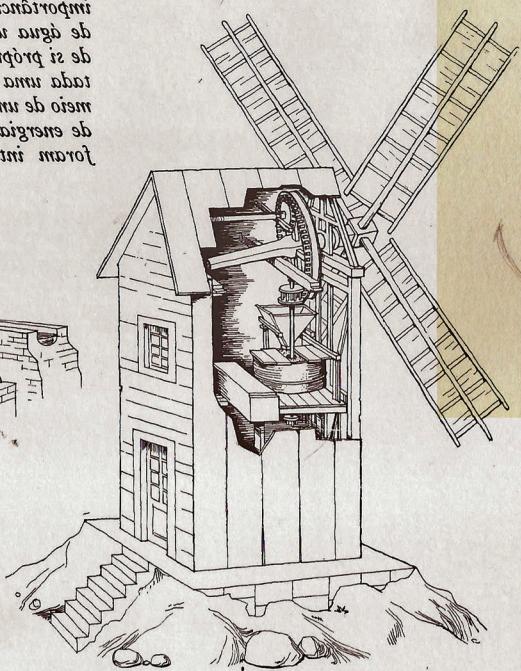
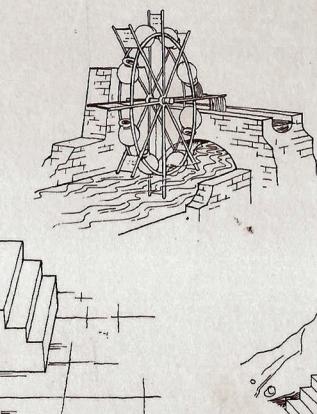
Os peixes, ao contrário das plantas, não se enraizam, eles exercem a ação de mover-se, ir de um lugar para o outro, no ato de ida e volta em suas atividades migratórias.

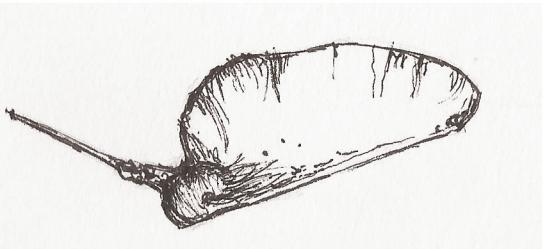
No caso das plantas, as raízes são indispensáveis para sua existência, o que não as permite sair do lugar, talvez por esse motivo que cultivar raízes significa também o sentimento de um indivíduo com seu lugar de origem, sua cultura, e a necessidade dela para sua subsistência.

Por sua vez, ramificar proporciona às plantas (que são enraizadas) a tomarem vários rumos.

Tal como um mapa das vias urbanas, fixas mas em constante movimento.

A ENERGIA DA ÁGUA E DO VENTO.
um inquinante, que destrói a natureza, que polui a água, que mata os peixes, que mata os pássaros, que mata os insetos, que mata os animais, que mata os humanos. Não só a poluição é a maior ameaça à natureza, mas também a exploração descontrolada dos recursos naturais.





Assim como os peixes e as aves, o vento também possui direção. Essa direção é indicada pelo cata-vento, um dispositivo giratório formado por pás que compõem a hélice que se move devido ao ar.

O cata-vento, em grandes dimensões, é utilizado pela usina eólica para gerar energia a partir da ação dos ventos, que proporciona um número infinito de voltas em torno de si mesmo.

O vento, o mesmo que gera energia, carrega a semente alada da Amendoa do mato (árvore) para um voo que sobe cinco andares e pousa na minha sacada. A semente alada, diferente do cata-vento, possui apenas uma pá de hélice. A biruta, igualmente ao cata-vento, é um instrumento que indica a direção invisível dos ventos, se parece com uma bolsa cônica presa a um aro na extremidade de um mastro. Além disso, BIRUTA é um adjetivo bem usual, um estado de espírito que conheço muito bem.









RO-PORTO VELHO

APROV

As formigas costumam percorrer rotas invisíveis, como auxílio para se direcionarem no espaço infinito. O rastro se refaz sempre que algum obstáculo o desmancha, o que faz com que elas também fiquem BIRUTAS. Ao contrário das formigas, não tenho rastro para me guiar.

Assim como o vento e as rotas, os paralelos geográficos também são invisíveis, por sua vez o paralelo de posição 30º atravessa exatamente a cidade de Porto Alegre.

O porto é um lugar próximo à costa onde as embarcações podem ancorar e ter acesso à margem, é também a primeira parte que forma algumas palavras compostas como: PORTO Alegre e PORTO Velho, capitais dos estados do Rio Grande do Sul e Rondônia, dois extremos Brasileiros.

Entre as várias escolhas que o ser humano toma ao longo da vida, eu fiz essa, e escolhi trocar um Porto Alegre por um Velho.

Identicamente a posição do paralelo, 30º é a temperatura média de Rondônia, o que me causou muito estranhamento e nenhuma adaptação.

Frio/mormaço, estrada/rio, carne de rês/carne de peixe... surgem então os opostos absolutos.

memória do TRAJETO

Gostaria de abrir um parêntese para comentar um pouco mais sobre o deslocamento das rotas, que em geral são traçadas em mapas.

Mapas são uma representação *gráfica* que facilita a compreensão espacial de objetos, conceitos, regiões, área geográfica e superfície terrestre. Por sua vez, Artes *Gráficas* é uma habilitação do curso de Artes Visuais, que ao contrário dos mapas, é de complicada definição. Porém, faz parte da minha trajetória.

O trajeto se configura como um caminho que é preciso atravessar para ir de um lugar a outro.

De: _____

Para: _____

Bem como os 3,751km de estrada que ligam o sul ao norte, em 10 dias de viagem que percorri. Na tentativa de cartografar essa trajetória, enviei uma carta para percorrer a memória dessa experiência vivida.

Viajar? Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre iguais e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são.

Se imagino, vejo. Que mais faço eu se viajo? Só a fraqueza extrema da imaginação justifica que se tenha que deslocar para sentir.

“Qualquer estrada, esta mesma estrada de Entepfuhl, te levará até ao fim do mundo”. Mas o fim do mundo, desde que o mundo se consumou dando-lhe a volta, é o mesmo Entepfuhl de onde se partiu. Na realidade, o fim do mundo, como o princípio, é o nosso conceito do mundo. É em nós que as paisagens têm paisagem. Por isso, se as imagino, as crio; se as crio, são; se são, vejo-as como às outras. Para que viajar? Em Madri, em Berlim, na Pérsia, na China, nos polos ambos, onde estaria eu senão em mim mesmo, e no tipo e gênero das minhas sensações?

A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.

(PESSOA, 1986, p.285-286)

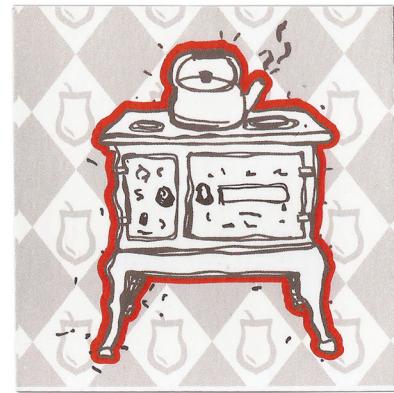
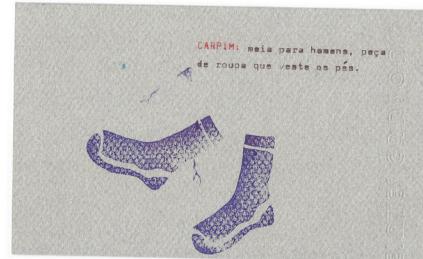
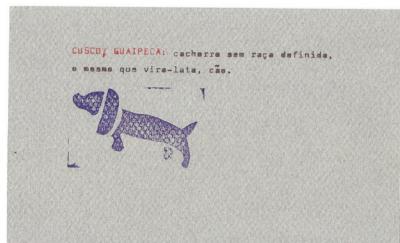
Deixando de lado os trajetos, fecho o parêntese e volto a falar de cidades.

PELOTAS, também conhecida como SATOLEP, é um município pequeno (do meu ponto de vista) localizado no extremo sul do Brasil. Sua paisagem é o Pampa, com vastos campos planos de vegetação rasteira onde o olhar se perde no infinito, esse bioma se estende até o Uruguai e a Argentina.

De clima temperado, as quatro estações do ano são bem definidas, uma cidade assustadoramente úmida, e por sua vez o lugar em que nasci, consequentemente o meu ponto-de-partida. [*]

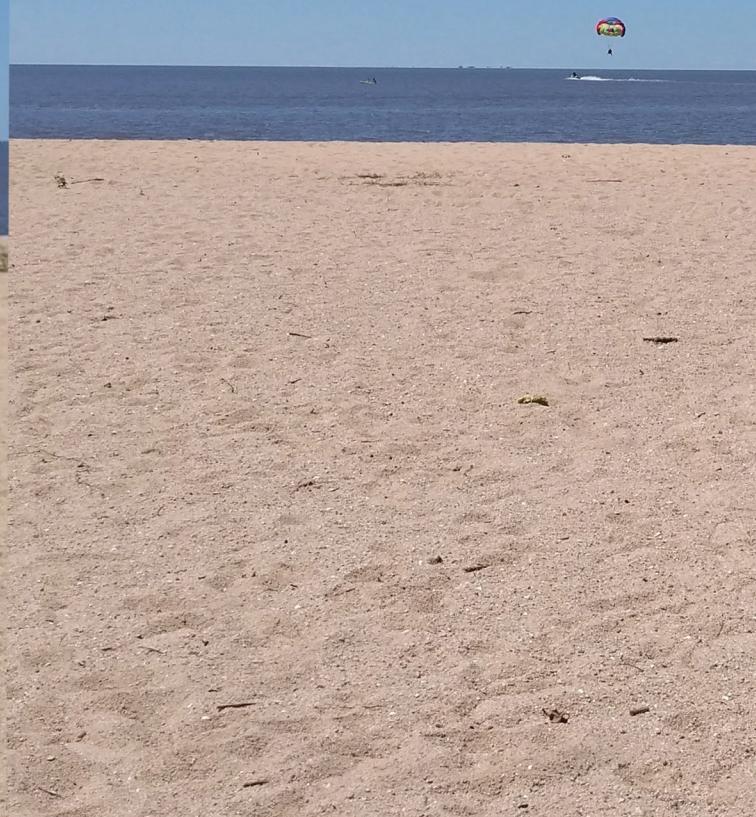
É daquele horizonte extremamente reto que carrego resquícios de sotaque, e alguns costumes. Que, em outra ocasião, proporcionou condições para uma experiência que comparo com o chamado “**artista-etc.**” citado por *Ricardo Basbaum*. Não sei ao certo se a definição seria artista ou talvez “**designer-etc.**”, pelo fato das outras formações terem me inserido num mercado de trabalho mais comercial. A única certeza é a indefinição desses campos/territórios.

* “A maioria das experiências que temos ao nosso dispor não é acessada a qualquer momento pelos sentidos, mas por meio da memória. A capacidade de lembrar o que já se viveu ou aprendeu e relacionar isso com situações presentes é o mais importante mecanismo de constituição e preservação da identidade de cada um” (CARDOSO, 2013, p. 73)



“ Memória é a experiência **deslocada** do seu ponto de partida na vivência imediata. Como o momento atual é passageiro, desmanchando-se numa sucessão de outros momentos, outras vivências, quase tudo que somos e pensamos depende da memória. Porém, a memória é coisa notoriamente *escorregadia*. ”

(CARDOSO, 2013, p. 74)



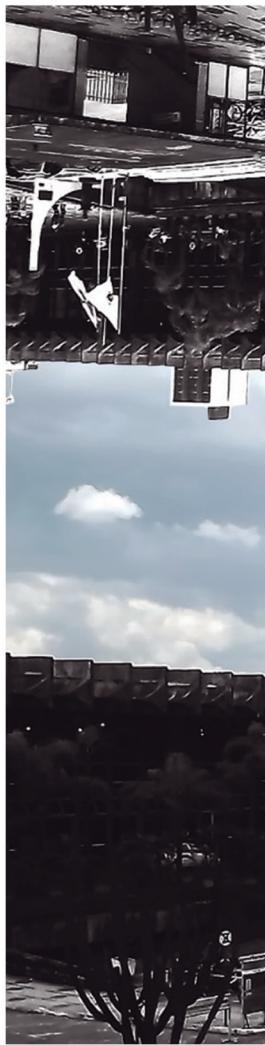


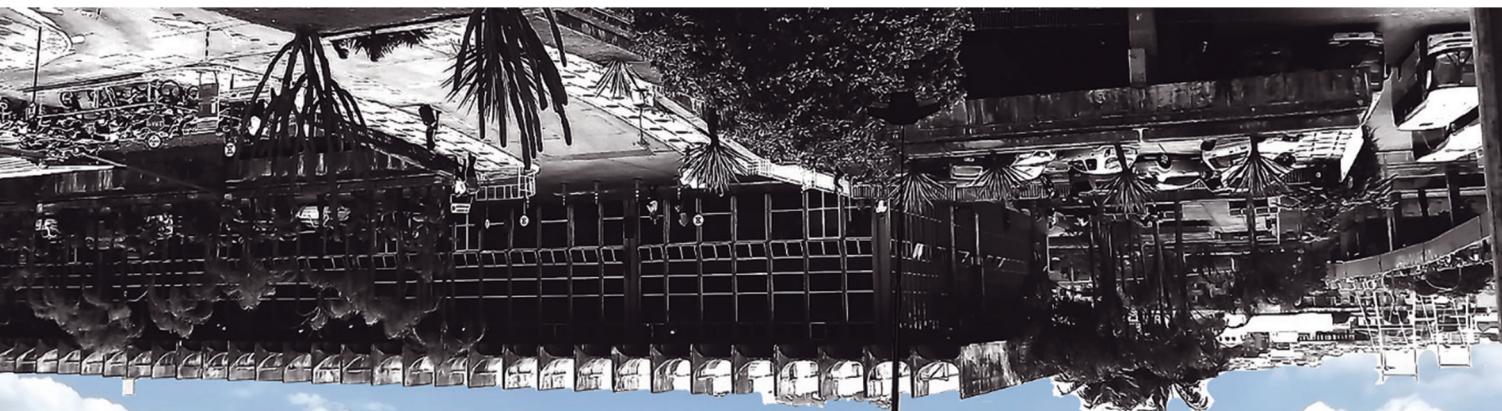
O horizonte é uma linha do quanto o olhar alcança, e que pode assumir vários formatos devido ao relevo, é nela que se encontra o limite entre o céu e a terra/mar.

Além disso, horizonte é ainda a segunda parte da formação de algumas palavras compostas como: Belo Horizonte (onde infelizmente não tem *mar*).

Lugar em que, por sua vez, está localizada a **EBA**, palavra que pode parecer uma interjeição de felicidade, mas é onde se situa esta escola de Arte, da qual me encontro como aluna, e ao mesmo tempo aluna/professora devido à habilitação de licenciatura.

Em uma difícil compreensão sobre posicionamento meu atual estágio no Colégio Militar me fez perceber, assim como as estações do “move 51” (ônibus o qual pego há aproximadamente 5 anos para ir a aula), que a Liberdade se encontra posicionada **somente** entre as estações **Colégio Militar** e a estação **Ufmg**.



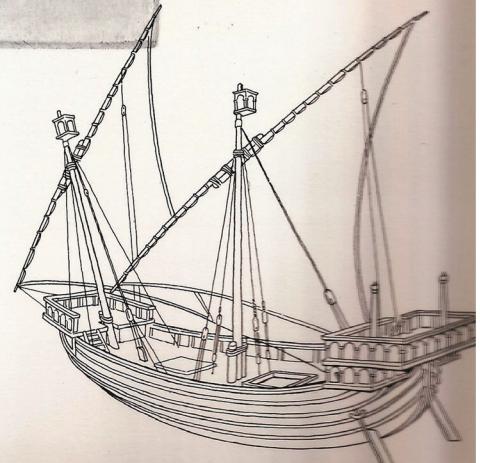
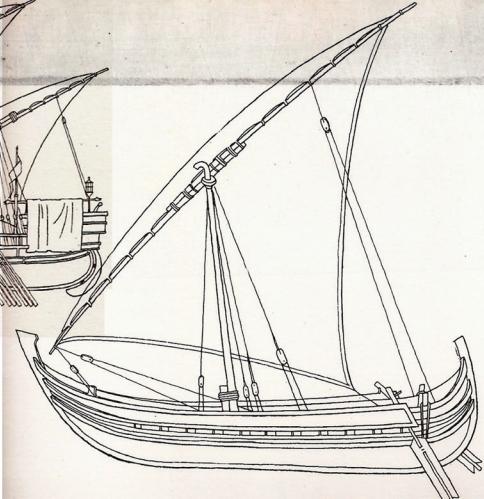
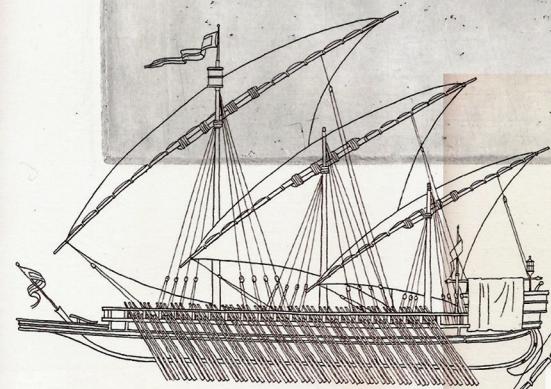
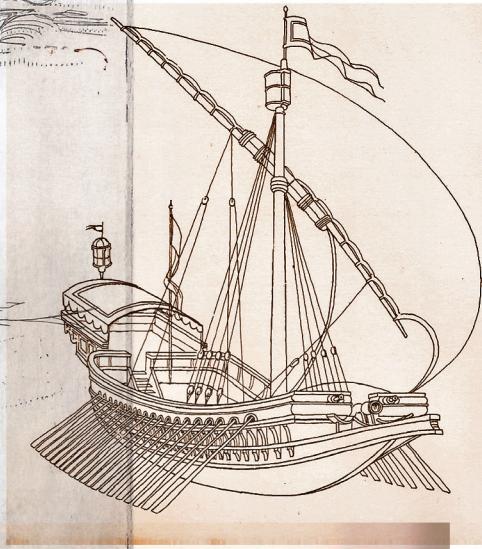




“ ...uma cidadezinha de nariz pontudo
furava o céu
depois sumia-se lentamente numa curva
e a gente olhava olhava
sem nenhuma pressa
porque o destino daquelas nossas
primeiras viagens
era sempre o *horizonte*. ”

Mário Quintana





* “Você próprio é que terá de encontrar algo que desperte seu corpo vibrátil, algo que funcione como uma espécie de fator de af(e)titivação em sua existência. Pode ser um passeio solitário, um poema, uma música [...], você é quem sabe o que lhe permite habitar o ilocalizável, aguçando sua sensibilidade à latitude ambiente” (ROLNIK, 2006, p. 39)

A mesma linha traçada pelo olhar, que se define como horizonte, se torna linha de fronteira para delimitação do céu, que por sua vez é uma abóbada celeste do espaço infinito onde se localizam os astros e as nuvens.

Ao contrário da terra, o céu não possui divisas, é o mesmo para qualquer lugar onde se encontre o observador.

Neste espaço único, as nuvens se movimentam continuamente, devido à ação dos ventos, os mesmos que impulsionam o cata-vento e a semente alada. Talvez esse mesmo vento me leve por aí.

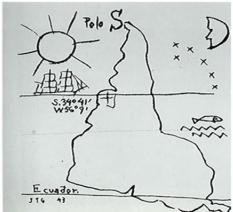
“Navegar é preciso”.



No céu, esse lugar distante e intocável, além de astros e nuvens existem diversas constelações, que por sua vez são agrupamentos de estrelas no espaço. Nesse mesmo sentido reuni algumas referências de trabalhos e artistas que julgo estarem no patamar das estrelas, distantes corpo celestes produtores de energia, com muita luz própria. [*]



Diccionario para
Road Movie
Fabio Moraes



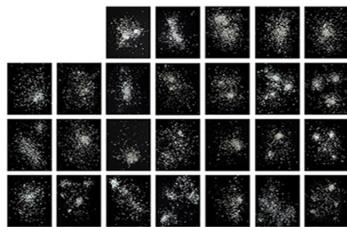
América invertida
Joaquim T. Garcia



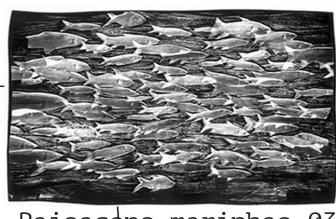
Horizonte
Jorge Macchi



Sem título, série
Julia



1001 Noites Possíveis
Rivane Neuenschwander



Paisagens marinhas.03
Cassio Vasconcellos*



Cidade no interior
Talita Hoffmann



Contingent
Rivane Neuenschwander



Seascape
Jorge Macchi



Aquí
Jorge Macchi



Cáixa-móvel p/ Giordano Bruno
Mayara Redin



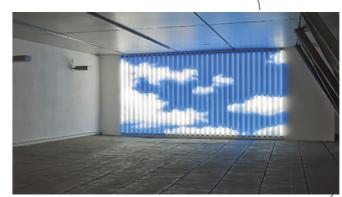
Cartografia abstrata
Marcius Galan



Cédula Cruzeiro
Aloísio Magalhães



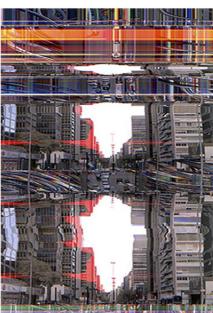
Moderno Atlas geográfico
Lais Myrrha



Nuvem
Eduardo Coimbra



Luz natural
Eduardo Coimbra



Pluracidade
Guilherme Maranhão



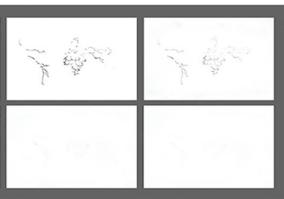
Ao mesmo tempo
Kater



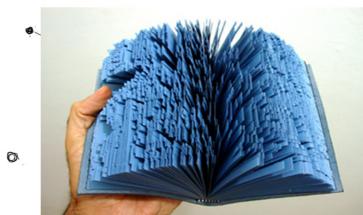
Horizonte
Julia Kater



Atlas de Anatomia Urbana
Daniel Escobar



Por um fio
Lais Myrrha



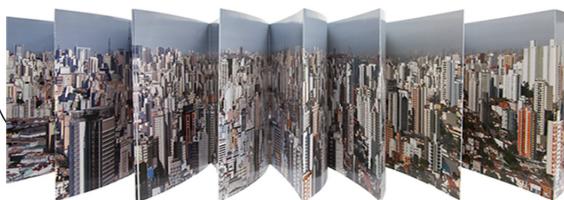
Romance para ser lido sob a chuva
Fábio Moraes



Brasil extrativismo
Marina Camargo



Somewhere in Norway
Anastasia Savinova



Sobre São Paulo
Claudia Jaguaripe



Blue Planet
Jórgo Macchi



Cidades azuis
Daniel Escobar



Scrollbar
Daniel Escobar



Paisagem seca
Laura Belém



Pluracidade
Guilherme Maranhão



Mótile 11
Krista Svalbonas



Continuous
Daniel Escobar

Falando ainda sobre linha, ela proporciona o ato de costurar. Este por sua vez configura a prática, a ação, e a realização de juntar duas ou mais coisas por meio de pontos dados com ajuda de agulha, linha ou fio. [*]

Pessoalmente gosto de costurar roupas, mas além delas costuro *memórias/paisagens*. Estas são pedaços de território capturado pelo alcance do olhar em um lance, vista.

Além disso, a vista é utilizada pelos seres humanos e animais para entender o que acontece ao seu redor.

A linha que costura as paisagens, por sua vez se transforma em horizonte, é também avistada pelo caranguejo.

Animal que como símbolo possui diversos significados, inclusive no zodíaco faz referência ao signo de câncer, do qual faço parte.

Outra interessante característica do caranguejo é mirar o horizonte e não ir ao seu encontro. Ele caminha sempre para o lado, ampliando a linha do horizonte sem conseguir alcançá-lo. Pode ser que me identifique com ele, tentando criar constantemente novos horizontes.

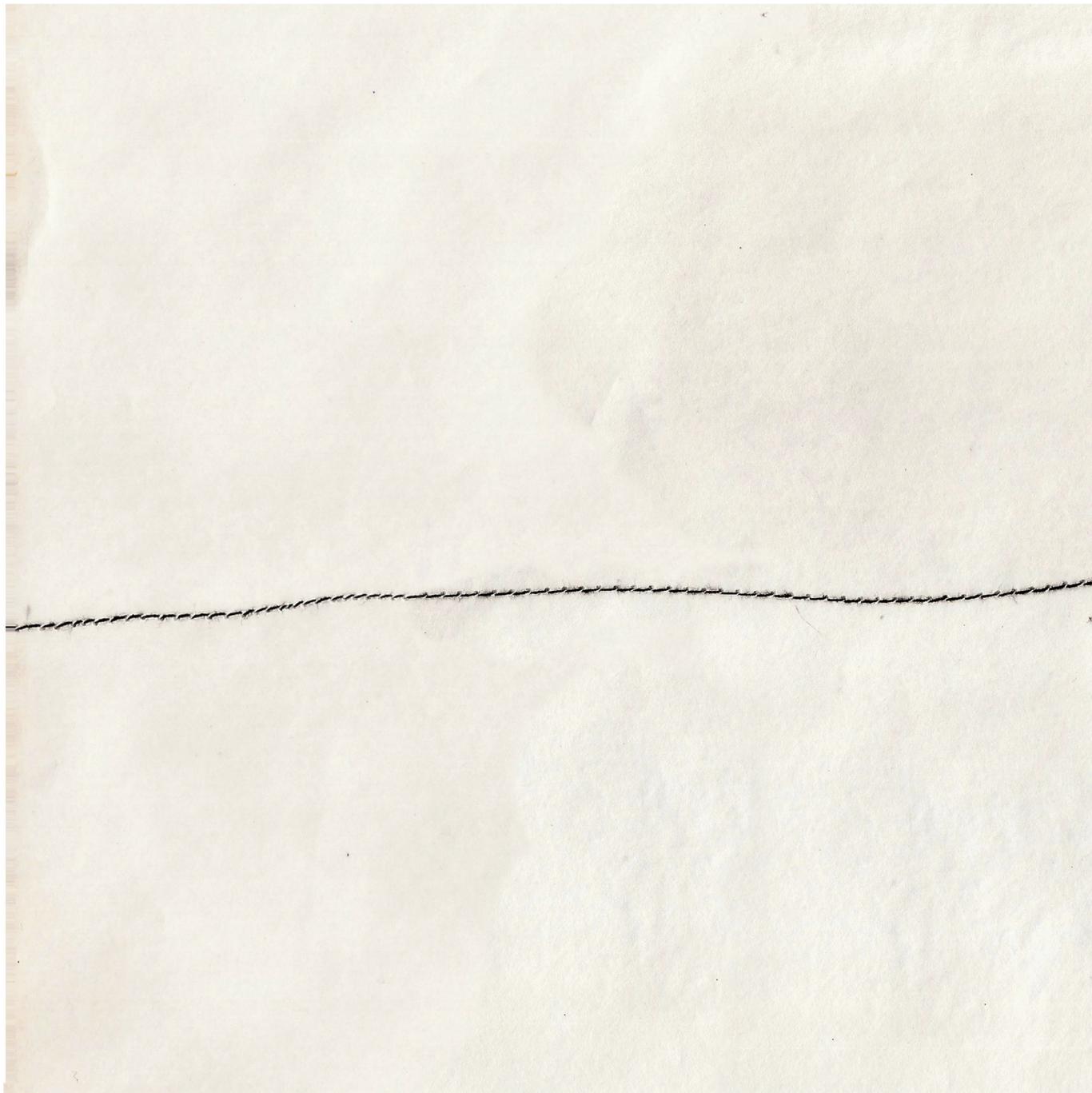
* “Nesta expedição, por exemplo, para traçar suas cartografias, foi se aproximando de tudo o que encontrava pelo caminho, assim como também daquilo de que se lembrava [...] procura realizar a vontade de expandir os afetos, de navegar com o movimento e de devorar os estrangeiros para, através das misturas, compor as cartografias que se fazem necessárias.” (ROLNIK, 2006, p. 232)

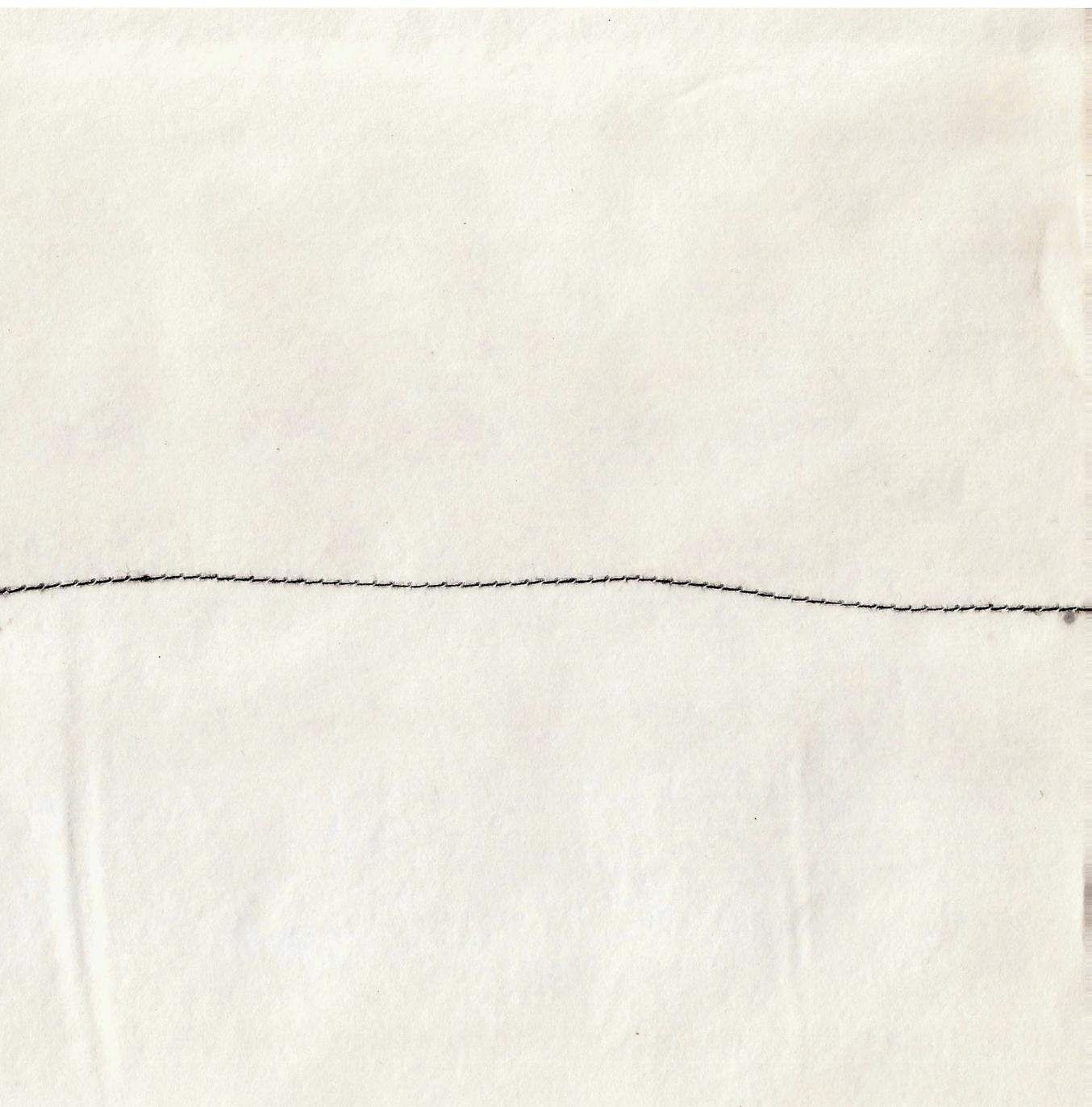


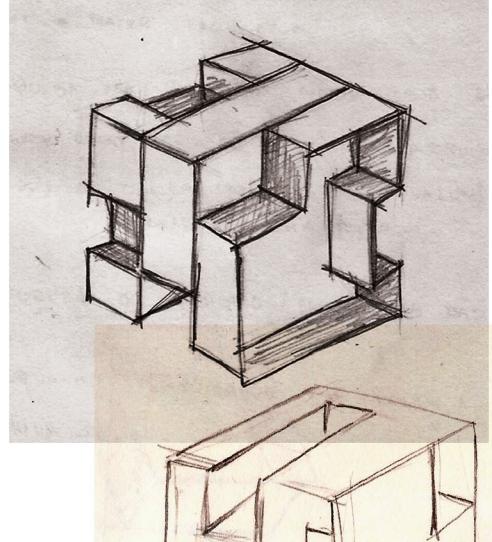








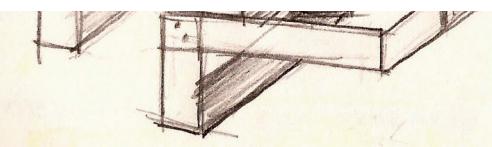


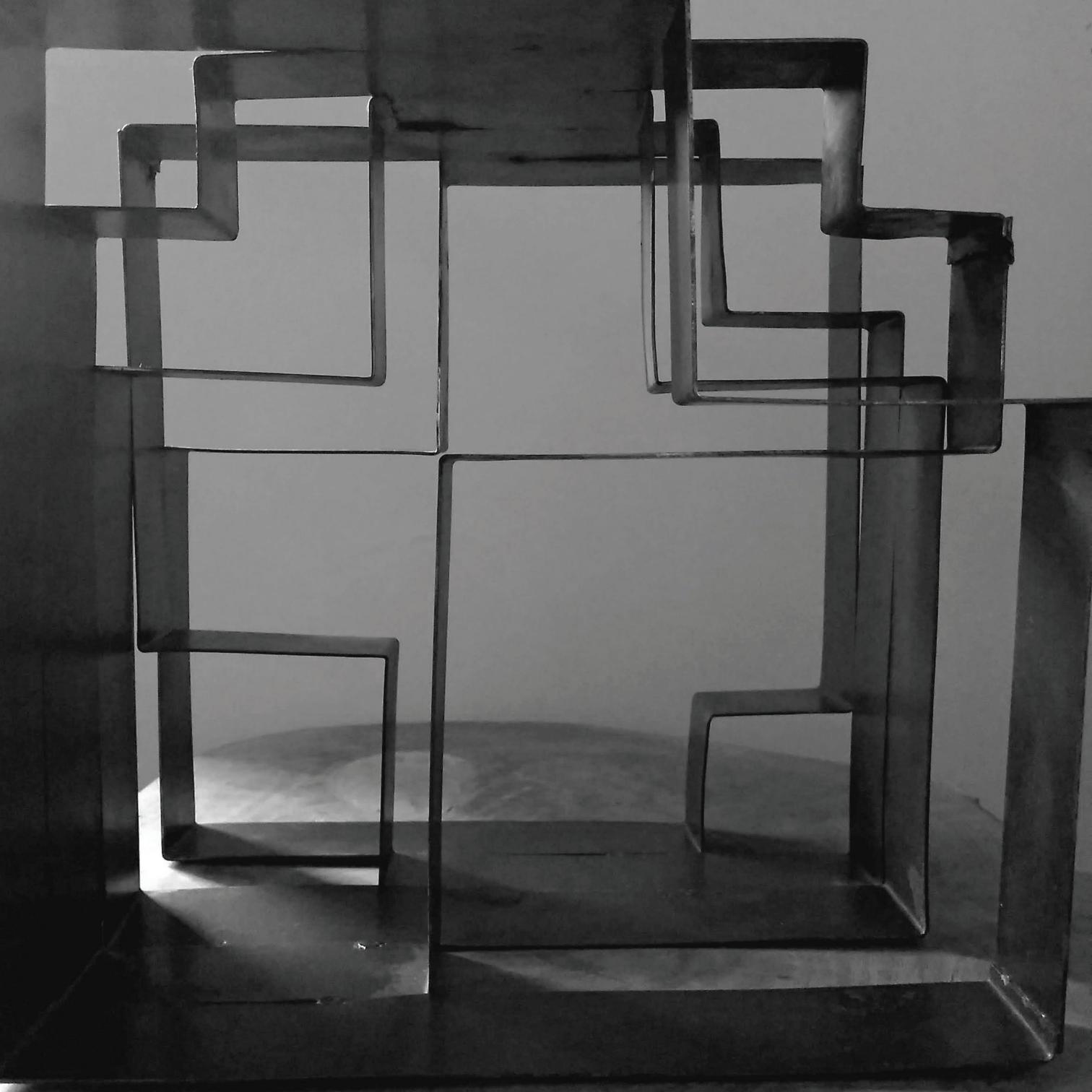


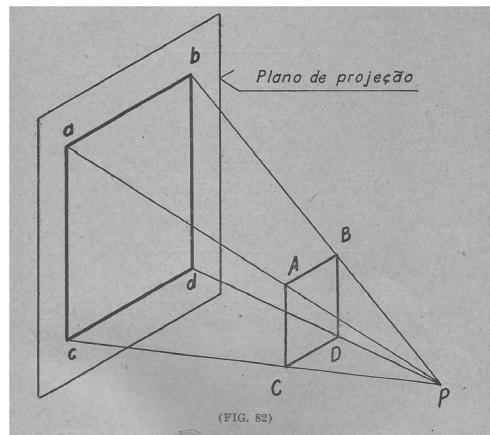
Como tudo é uma questão do ponto de vista, nada melhor do que a escultura para se fazer entender. A percepção sobre o objeto muda de acordo com o posicionamento do observador. No caso da escultura em metal, entre outras coisas, para o processo de transformação é preciso enfrentar alguns desafios e **força**, muita **força**.

Além disso a perspectiva, que por sua vez, é a técnica de representar objetos tridimensionais conforme sua distância e posição, tais como se apresentam à vista. Por tudo isso, o método de projeção da perspectiva cônica da pintura renascentista e que se parece com a visão humana e também com a máquina fotográfica, utiliza um outro ponto, o de *fuga*.

Fuga, para onde? Se o ponto de fuga fica localizado exatamente em cima da linha do horizonte, que por sua vez está sempre se deslocando, ele é móvel. Quando o espectador se aproxima, ele se afasta.







Por sua vez, a fuga é um ato de deslocamento abrupto para outra situação, ambiente. Esse ponto de fuga que atrai, convida a entrar, transporta para outro lugar, te leva a conhecer um novo interior. Conduzido apenas por incógnitas, mas movido pelo desconhecido, tal qual a incapacidade de escapar da atração de um “*buraco negro*”.

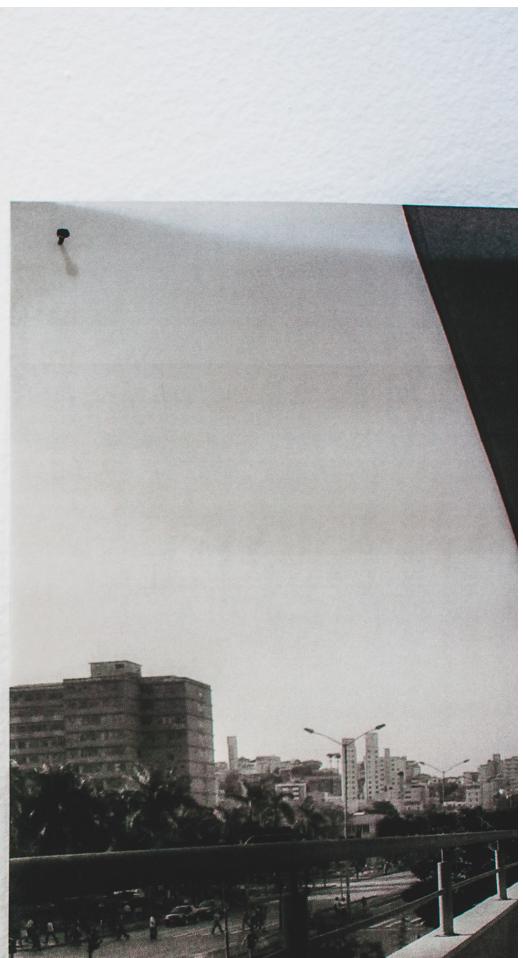
Transportar, levar ou conduzir coisas a um determinado lugar. Isso geralmente ocorre quando viajamos ou trocamos de residência, e carregamos nossas bagagens.^[*] Que por sua vez podem ser físicas ou abstratas.

Viagem é um deslocamento no espaço, o caminho percorrido entre um lugar e outro.

Esse deslocamento no espaço se dá de várias formas e dimensões. Por tudo isso, as fotografias sobrepostas e com ponto de fuga bem definido misturam os diferentes espaços e tempos. A dificuldade de compreensão sobre o conceito de teoria **espaço-tempo**, por exemplo, teoria da Relatividade de Einstein, não será analisada aqui. Além disso, o mais próximo de uma experiência compatível com **espaço-tempo** é relativo ao fuso horário, o qual experimentei viajando para o Acre.

* “Eu revisitara coisas e ideias e as conectara entre si e a mim mesmo liberto dos ferros do senso comum, atribuindo-lhes valores estéticos a partir de um ponto de vista meu.” (RAMIL, 2004, p.20)

GRAFICA 360°



**“... há sempre uma
cidade dentro da
outra e esse eterno
desentendido entre o
espaço e o tempo.”**

Mario Quintana



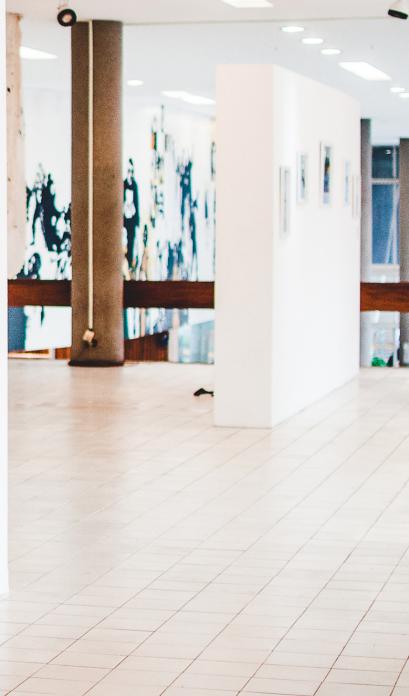




* "Uma fotografia não é a imagem de uma circunstância (assim como a imagem tradicional o é), mas é a imagem de uma série de conceitos que o fotógrafo tem em relação a uma cena [...] e o fotógrafo também precisa primeiro imaginar, depois conceber, para, por fim, poder “imaginar tecnicamente.” (FLUSSER, 2007, p. 136)

QUOTA - PARTE





O espaço-tempo, por sua vez, acumula entre outras coisas as fotografias, as viagens e também as bagagens, físicas ou abstratas. Tudo isso se armazena nos seres humanos em forma de vivência que então criam novos territórios.[*]

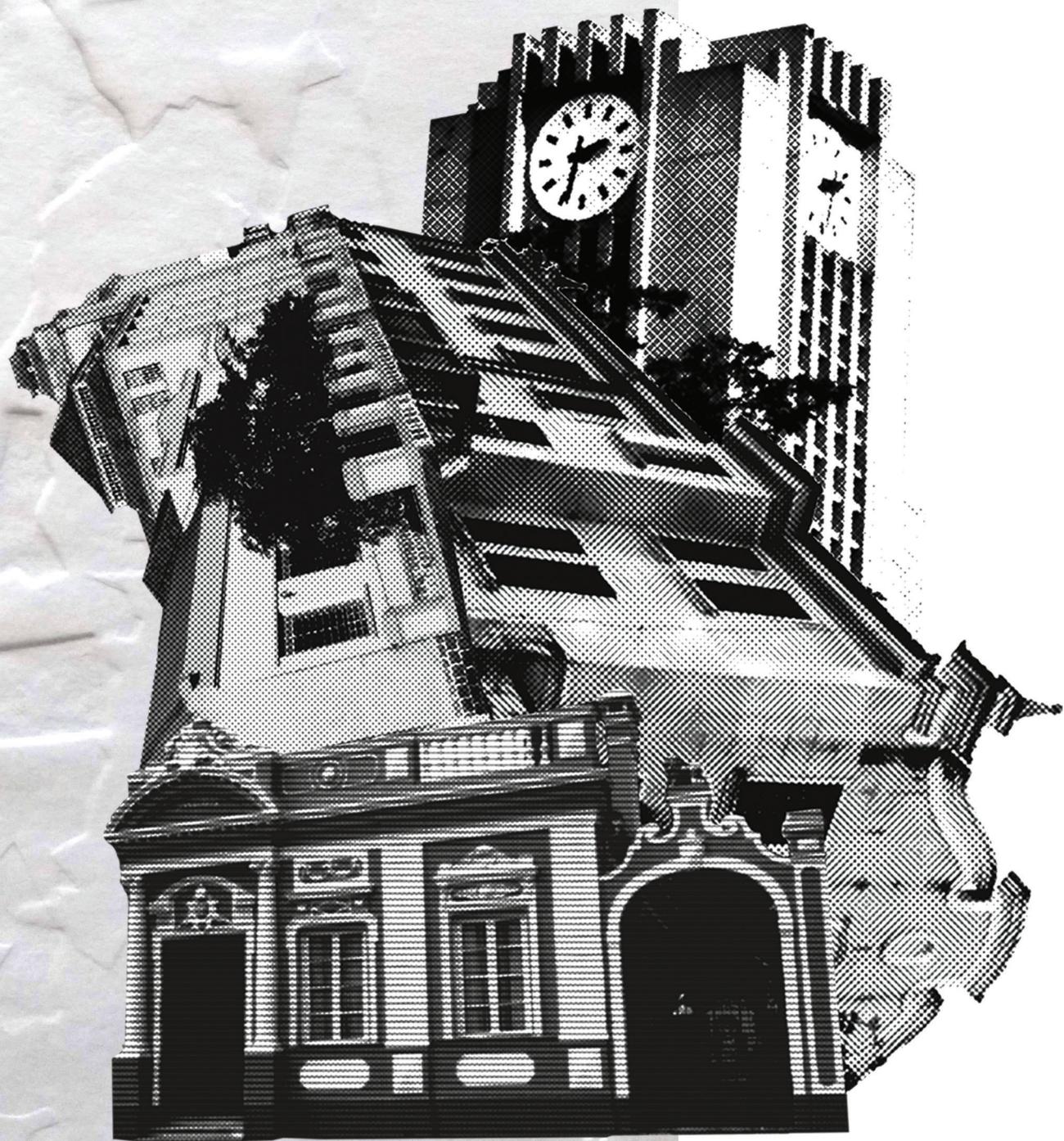
Os territórios no entanto são retratados pela topografia, uma representação exata com todos os acidentes geográficos, artificiais ou naturais. Bem como se mostra o relevo seco, que indica demarcações da superfície de diferentes cidades. No caso do relevo seco, diferente da topografia, as informações não são exatas, não indicam coisa alguma, ficando à deriva.

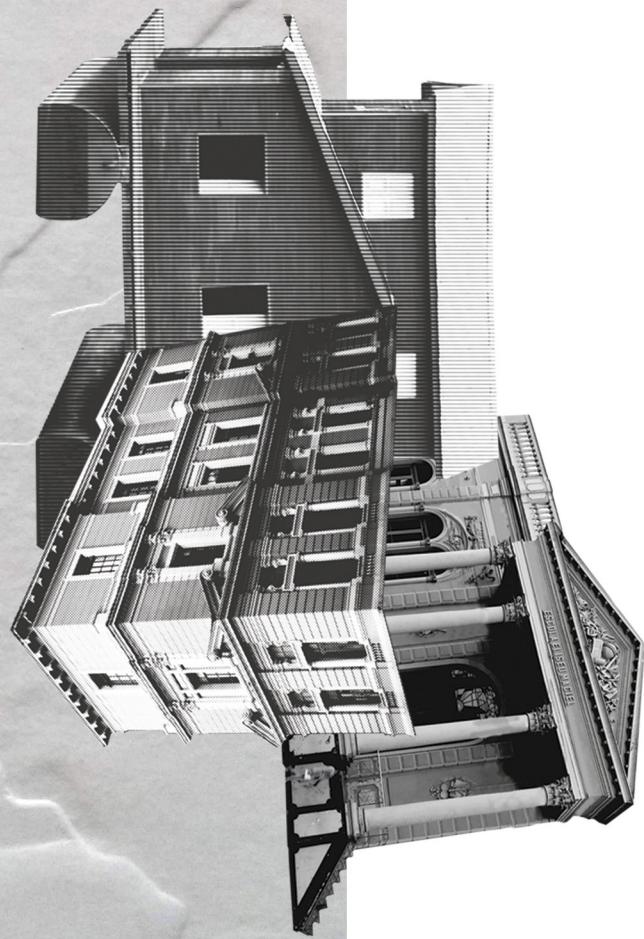
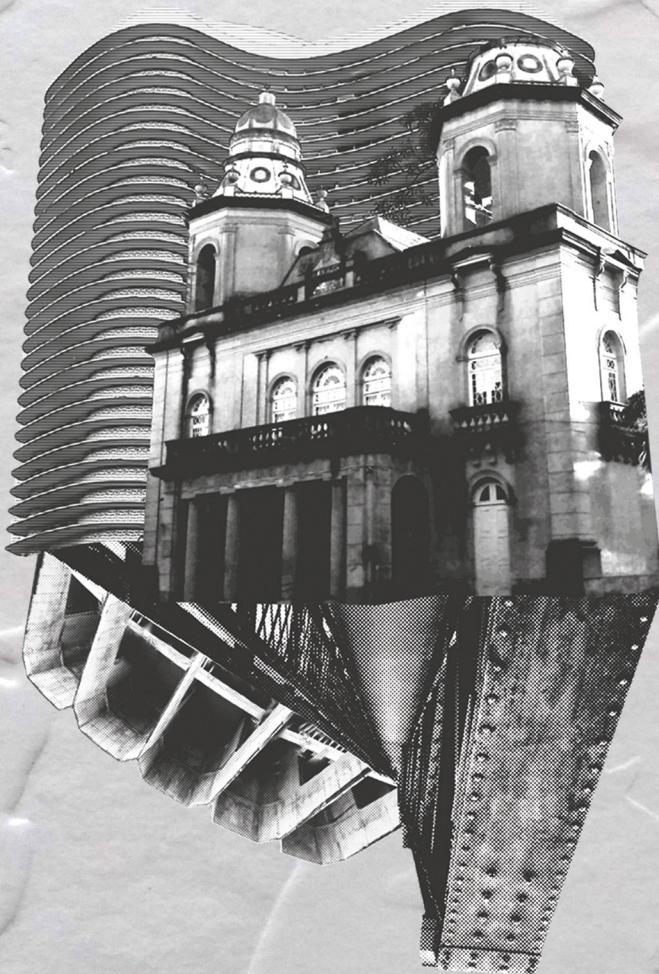
Deriva é o desvio de rota de uma embarcação ou aeronave, causado por ventos ou correntes. Tal qual o processo criativo e a constituição de um trabalho artístico, que em muitos casos não segue uma linearidade.[**]

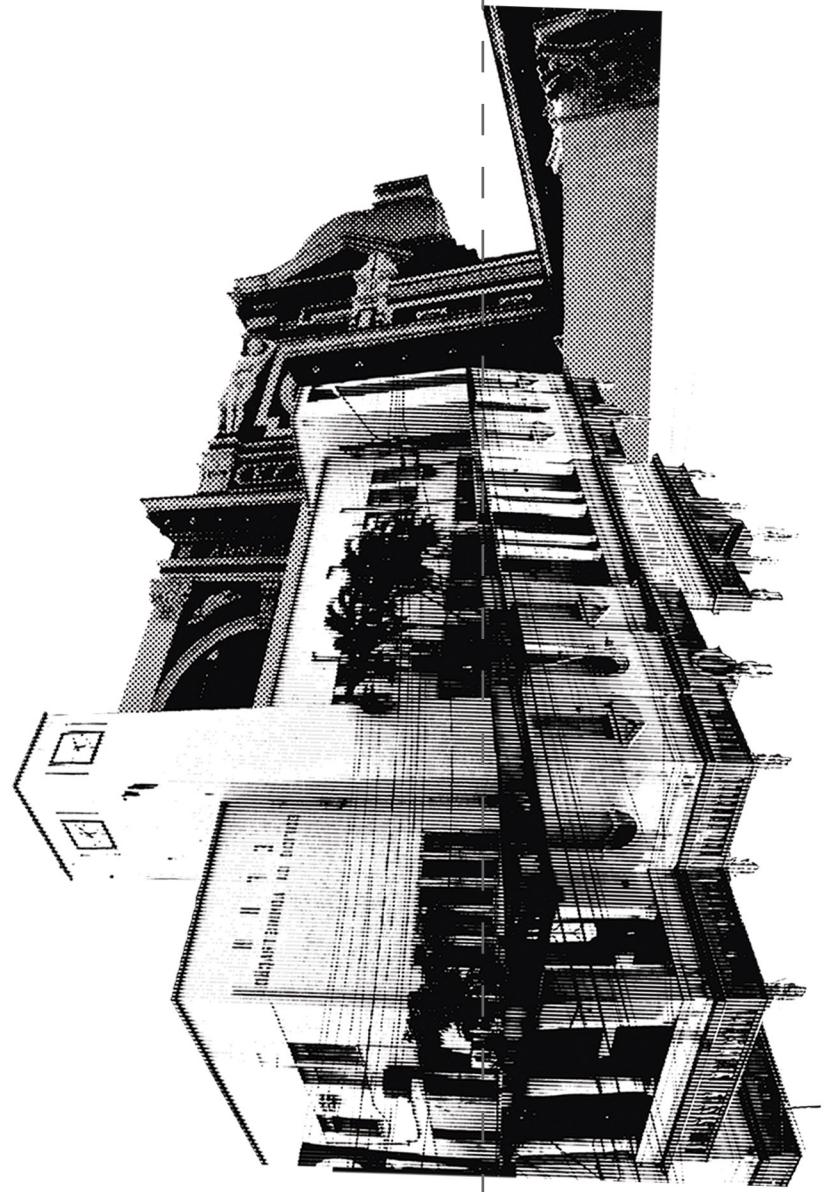
No entanto, essas mudanças de rotas, proporcionada pelos ventos, trazem “novos ares”.

* “[...] línguagens, gostos e comportamentos comuns como sua face mais visível. Sua arte, sua expressão popular trouxeram sempre como pano de fundo o apelo irresistível da rua, onde o múltiplo, o variado, a mistura que a rua evoca ganham forma [...]” (RAMIL, 2004, p.13)

** “O andamento de um trabalho verdadeiro nunca é fácil de acompanhar. As obras se deslocam no tempo, o tempo todo.” (MARTINS, 2006, p. 25)







Ficar à deriva não é o mesmo que estar perdido, mas sim, estar aberto ao que os ventos anunciam.* Que por sua vez, agregam as bagagens, tanto físicas como abstratas. Agregar é fazer ligação de muitas coisas num só corpo, reunir em uma só todas as partes que não têm entre si ligação natural. Bem como acontece com os seres humanos, que assim como eu e você, temos muitas partes que nos constituem. Destas partes, que julgo importante exclusivamente para mim, formaram-se totens de cidades, as quais durante um certo tempo, foram minha casa. Olhando a minha atual casa, que na verdade é um pequeno apartamento da década de 40 com direito a abrigo antiaéreo, no centro de Belo Horizonte que encontrei algumas topografias no descascado das paredes. Estas, por sua vez, são descrições apenas de afetos.

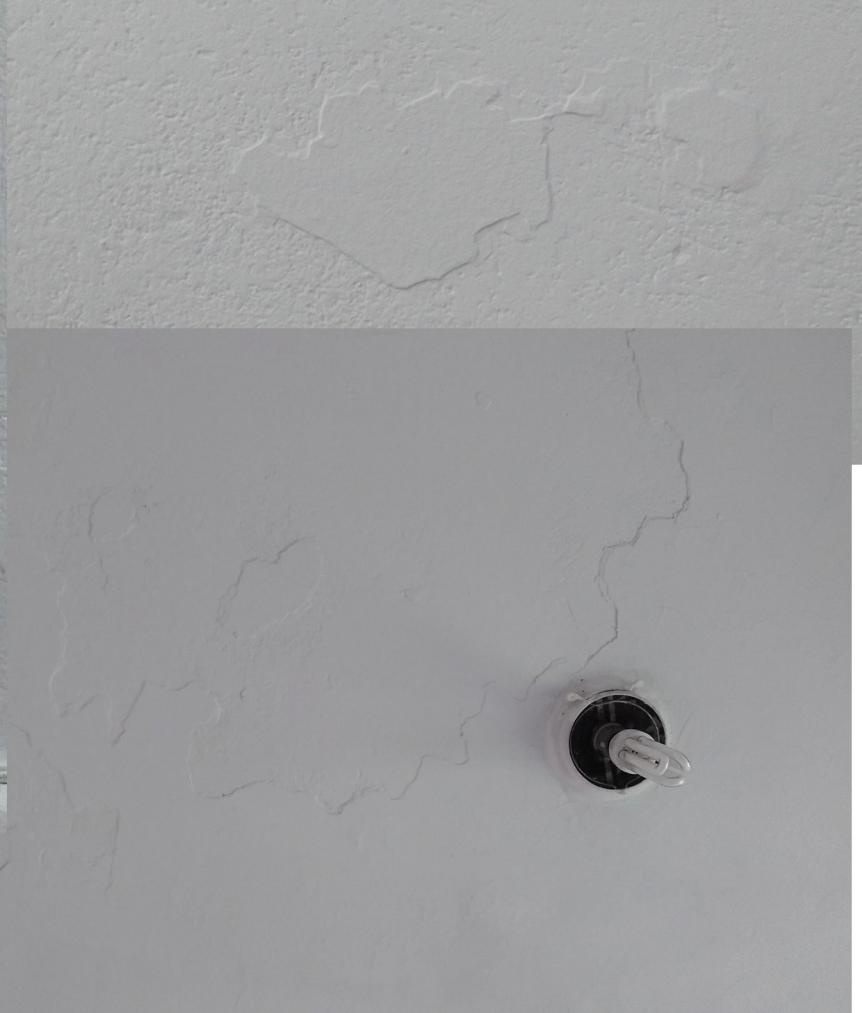
UL
86
WXXI

* “cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, (...) preciso mudar de ponto de observação, preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, uma outra lógica.” (CALVINO apud RAMIL, 2004, p. 20)

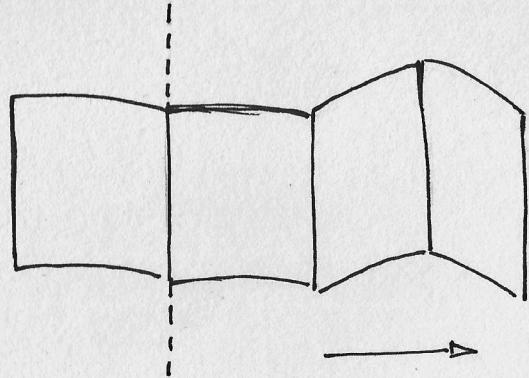
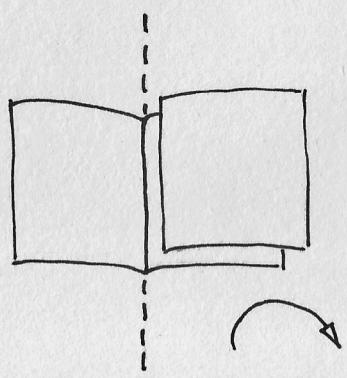
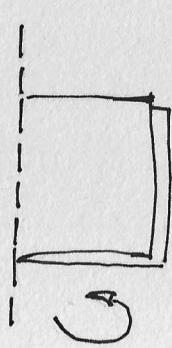


topografias / do LAR





DESDOBRAR/abrir, estender, alongar,
revelar, prolongar, desmembrar...



“Viajar! Perder países! Ser



outro constantemente, por a alma n



ão ter raízes de viver de ver somente! Não pertencer nem a mim! Ir em frente, ir a seguir a ausência de ter um

fim, e a ânsia de o conseguir! Viajar assim é viagem. Mas faço-o sem ter de meu mais que o sonho da passagem.

O resto é só **terra e céu.** ” Fernando pessoa

Mas há quem diga que existem muitas outras coisas sobre e sob a terra. E em meio a essa confusão, ao acúmulo de sensações, em que a indefinição do meu processo artístico se identifica.

Além disso, morar bem no centro de BH talvez proporcione algumas fruições. Não estou falando desse mapa com uma planta de ruas bem planejadas e avenidas diagonais que convergem a um ponto. Me refiro ao lugar da “*vida real*” desprendida de estereótipos, onde se encontra um pouco de tudo e é possível transitar sem formalidades.

Falando mais um pouco sobre ponto; sinal gráfico empregado em diversas técnicas e ciências para vários fins, sinal de pontuação que indica final, lugar determinado ou de parada. Acredito ser uma definição inadequada para o imaginário da manifestação artística, sendo que particularmente prefiro as linhas. Não estou falando das limitadoras ou às que impõem um padrão estabelecido, mas as que se movimentam, capazes de registrar uma trajetória, que ao mesmo tempo ligam e transportam sensações/ paisagens.

Até mesmo o momento da realização desse texto, que julgo ser o esboço de um percurso, trata-se de uma busca pessoal com olhares retrospectivos.



“Na minha opinião existem dois tipos de viajantes: os que viajam para **fugir** e os que viajam para **buscar**.”

Érico Veríssimo



Rua Machado

22 a 96

Avenida Brasil

Belas

Imp
Ser

PONTE
BRASIL BOLÍVIA
Wilson Pinheiro

Wilson Pinheiro

CHUY 273 km.

CURITIBA BZ
1903 KM

ABC SAOPAULO

BH Belo Horizonte 1721km

Santiago de Chile 1452 km

1980-1981

Chuy

Frontera

ELE
NÃO

EMBARQUE/
DESEMBARQUE 02

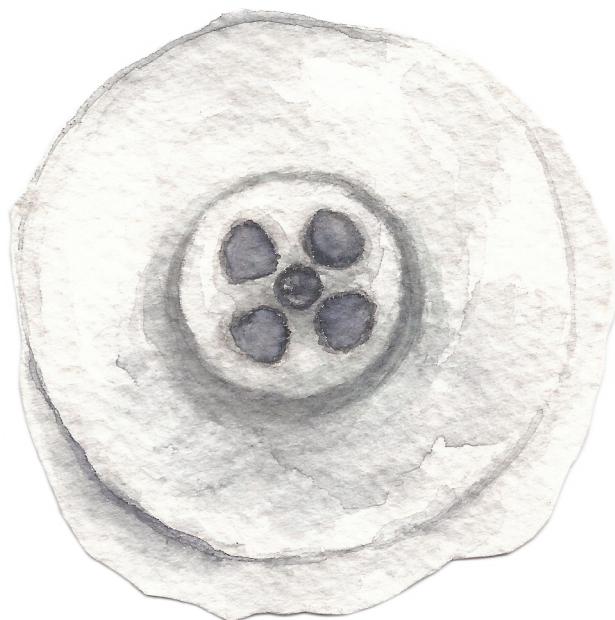


EMBARQUE 02 / DEPARTURE 02
DESEMBARQUE 02 / ARRIVALS 02



SEM DEUS
SEM AMOR





LIGA 0

NADA «A



LUGAR



NEHUM NINUM





minuano

Vento forte e frio que até dói de tão cortante, difícil de encarar, que surge depois das chuvas de inverno derivado de ar polar da Antártida, é tão tempestuoso que chega a assoviar. Geralmente como se mostram as novas jornadas quando ainda não mapeadas, e que carregam sempre a dúvida: “**deve ser aqui!**”.*

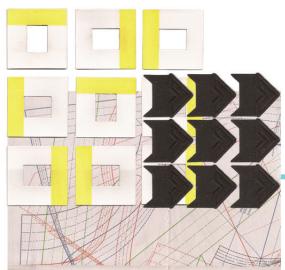
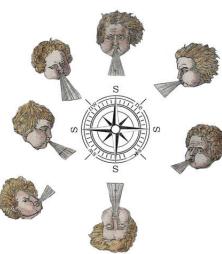
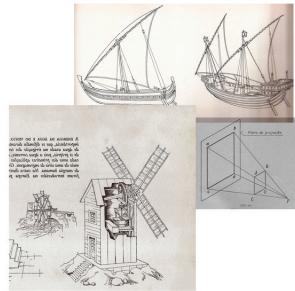
Além disso acho necessário comentar que expus, aqui, as minhas observações sobre minha própria produção artística e suas particularidades. Cabe lembrar que o intuito não é uma reflexão formal, normativa, e também não há uma pesquisa sobre um único tema. As ideias apresentadas são frutos do conjunto da minha intuição e experiência desse caminho percorrido.

Em hipótese alguma, julgo ter chegado ao destino final. A intenção é seguir em movimento, ou enquanto o flâneur continuar instigante.

Das bagagens que vão se acumulando, gostei da definição de **canivete**: “*como um utensílio multiuso, usado para vários fins, algo com muitas funções...*”

Talvez necessário para percorrer os novos caminhos. Um **vendaval** parece estar se formando.

* “Para ver o que vejo todos os dias, preciso ser estrangeiro. O mundo é aqui. Mas é uma viagem, ir até aqui. Gosto dessa formulação: “ir até aqui”. E não: “vir até aqui”. Nessa pequena diferença, toda uma poética do exílio” (BUTI, MARTINS, 2006, p.25)



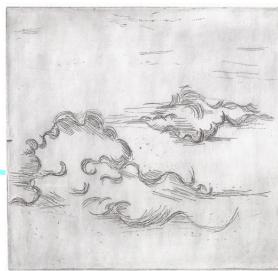
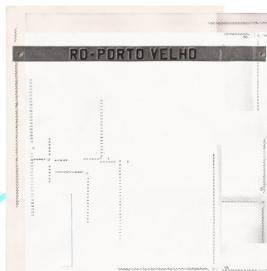
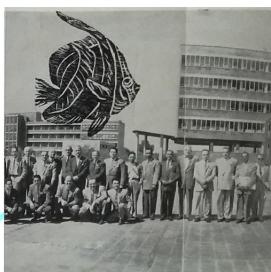
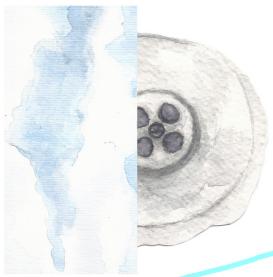
ficha técnica das imagens

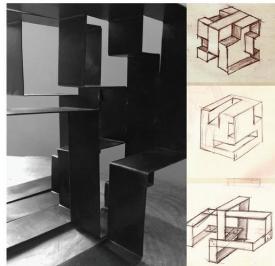
Apropriação:

- 6 Imagens scaneadas de livros
- 6 Imagens da internet
- 6 Slides/cantoneiras/molde de roupas, scaneados

Trabalhos pessoais:

- Aquarela
- Postal (feito na Tipografia do Matias)
- Fotografias e mapa (Pelotas)
- Xilogravura (sobre página de livro)
- Ilustração Botânica 
- Fotografias (usina eólica no RS)
- Placa de carro/registros máquina de escrever
- Carta enviada pelo correio
- Cartas (revista Nuvem 9)/publicação carimbo  
- Fotografias (praia do Laranjal-Pelotas)
- Colagem digital (Belo Horizonte)
- Gravura em metal
- Fotos (RS)/papel manteiga costurado





Escultura em metal/croqui

Fotos (lugares que morei)

Exposição Quota-parté

Relevo-seco em papel/colagem digital

Fotografias (paredes da minha casa)

Montagem fotográfica

Colagem digital



furação

(bibliografia)

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. Porto Alegre: UFRGS Ed.: Sulina, 2006.

CARDOSO, R. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

AUGÉ, M.; PEREIRA, M. L. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FLUSSER, V. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

RAMIL, V. **A estética do frio: Conferência de Genebra**. Pelotas: Satolep Livros, 2004.

BUTI, Marco Francesco; MARTINS, Alberto. **Ir até aqui: gravuras e fotografias de Marco Buti**/organização Alberto Martins. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

ILHA das flores. Direção de Jorge Furtado. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto Alegre, 1989. Curta-metragem (15 min.), son., color.

Fonte utilizada na publicação: **PT** mono e sans.

